

XXIX CONGRESSO ALAS
EMERGÊNCIA E DE CRISE SOCIAL NA AMÉRICA LATINA
SANTIAGO DE CHILE 2013
29 DE SETEMBRO A 04 DE OUTUBRO

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA NO ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS.

GT 06: Imaginarios sociales, memorias y poscolonialidad

Jackeline Fernandes da Cruz
jackelineufs@hotmail.com
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Introdução

O presente trabalho pretende fazer uma breve apresentação sobre o uso da fotografia na pesquisa antropológica e, sobretudo identificar de que forma esta contribui para a preservação da memória dos traços culturais presentes no Encontro Cultural da cidade histórica de Laranjeiras Sergipe/Brasil. Dessa forma, faz-se necessário um diálogo como a Sociologia, Antropologia e também com a História, pois é através dessas disciplinas que será possível identificar os aspectos mais relevantes do evento.

Apesar do crescente uso fotográfico em trabalhos acadêmicos, tanto em Ciências Humanas quanto em Ciências Sociais, o pai do funcionalismo, Bronislaw Malinowski, carregou consigo em muitas de suas viagens a trabalho uma máquina fotográfica, meio pelo qual registrou para a posteridade a vida de vários povos nativos. Este estudioso já entendia o valor do registro fotográfico para a pesquisa antropológica e intencionalmente ou não cruzou o olhar fotográfico com o observar antropológico.

O que realmente interessa é construir uma versão dos acontecimentos relacionados ao Encontro Cultural de Laranjeiras tomando como bússola o uso de imagens, precisamente fotografias do acervo pertencente ao Arquivo Público do Estado de Sergipe. Assim, o Encontro Cultural, ininterrupto há 35 anos, poderá ter parte de seu passado e de suas manifestações sociais contatos a partir da ótica fotográfica.

O uso de imagem nas Ciências Sociais

O uso de imagens em pesquisas antropológicas não é algo recente, mas apenas com o advento da Antropologia Visual na década de 1990 esse uso foi ampliando, porém a utilização de imagens em pesquisas de cunho antropológico pôde ser observada, a partir da década de 1920, quando o antropólogo Malinowski publica *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Nessa obra o autor, através de uma ênfase do presente etnográfico, faz uso das imagens como forma de ampliar suas descrições.

Não se pode negligenciar as contribuições dos antropólogos norte-americanos Margaret Mead e Gregory Bateson ao fazerem uso de imagens em pesquisas de campo. Mas mesmo com a contribuição desses pesquisadores de peso no campo antropológico, ao longo dos anos, foi e ainda é muito difícil para muitos antropólogos entenderem as imagens como discurso passível de interpretação tal como se faz com o texto escrito. Por muitas vezes, a imagem foi utilizada como apêndice ilustrativo de

pesquisas diversas e não como artefato cultural que pode falar sobre os grupos sociais e suas transformações.

A antropologia tenta a todo custo promover a comunicação intercultural e ao longo do seu desenvolver muitos autores tentaram compreender as mais diferentes culturas, impregnando-se por elas, para então construir um texto científico capaz de exprimir toda a diversidade cultural de tal cultura pesquisada. Sendo a fotografia um elemento cada vez mais usado atualmente, as pessoas estão, mesmo sem perceber, intimamente relacionadas com as imagens e essas moldam o mundo a nossa volta.

Existe um diálogo constante entre imagens e a sociedade que as produz e nesse sentido expressam o modo de vida e a diversidade dos grupos e por esse motivo são fontes inesgotáveis de conhecimento, especialmente para a Antropologia. Diferente do texto, a foto está mais próxima do real, pois representa junto com seus símbolos uma nítida fatia do presente ou do passado e assim se aproxima da antropologia que também tem por pretensão retratar a realidade social (Sontag, 2004).

Em muitas discussões, o uso de imagens em trabalhos científicos delimitou-se uma fronteira nítida entre antropólogos visuais e não visuais, como se de fato existisse subcategorias dentro da Antropologia e conseqüentemente uma hierarquia de categorias independentes, o que levariam a uma contradição dentro do campo. Na verdade, existem diferentes campos de pesquisas (política, econômica, social, cultural, visual, biológica e etc) que não exclui a possibilidade de diálogo entre si.

Segundo Edwards (2011), existe uma espécie de iconofobia por parte, não só da Ciências Sociais, mas também por parte da Antropologia, pois a mesma não teria a credibilidade de expressar ou falar como num texto escrito e por esse aspecto pode-se dizer que por muito tempo o uso de imagens foi colocado à margem de estudos ligados à Antropologia.

As imagens, sobretudo as fotografias carecem de interpretação e uma mesma foto é capaz de despertar diferentes interpretações, tal como o texto. Leite (2001) assinalou que por muito tempo as imagens foram sendo utilizadas sem necessariamente serem focos de reflexão, ou seja, apenas comprovavam uma realidade validada pela escrita.

Obviamente que a antropologia visual é alvo de comentários depreciativos, sobretudo os estudos audiovisuais que se utilizam do visual como construtor de significados (Ribeiro 2004) e que não precisamente fazem uso da escrita para legitimar a relevância de trabalhos que mesmo sendo alvo de crítica, são reconhecidamente antropológicos.

Faces e um breve histórico do evento e seu papel na preservação da memória.

Os discursos elaborados por sociólogos, historiadores e antropólogos, à luz dos estudos urbanos e culturais permiti-nos analisar a importância desse espaço e das fotografias como transmissores de informações do passado para gerações mais jovens. É por meio das imagens que podemos reconstituir, na memória, diversas histórias ligadas ao desempenho dos vários indivíduos na construção do tecido social (Simson, 2005).

O evento ostenta diversas faces, sejam elas referentes à organização da festa, aos organizadores, a movimentação urbana em dias de festa, a preparação dos grupos no decorrer do ano, os expectadores e patrocinadores do evento ou até mesmo os protagonistas das manifestações folclóricas, enfim. O fato é que toda essa estrutura remonta todos os anos um cenário, repleto de elementos significativos, que é símbolo da preservação da memória do Estado de Sergipe.

Não cabe aqui discutir profundamente sobre as tradições populares, afinal falar sobre folclore é algo que exige um estudo minucioso e a diversidade de idéias defendidas por diferentes autores traz uma problemática que passa longe da intenção desta pesquisa. Porém, ao citar o Encontro Cultural de Laranjeiras é inevitável não explanar, mesmo que superficialmente, essa temática.

“Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que é transmitido oralmente e é difundido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais”. (CASCUDO, 1972, p.11,12).

Baseando-se na idéia de Cascudo (1972), o folclore se apresenta não só em danças e folguedos, como vulgarmente muitos entendem, mas em ações do passado que se repetem no transcorrer do tempo, costumeiramente falando, o saber do povo. Esse saber é praticado por uma comunidade que com seus hábitos constroem a identidade de um grupo maior. Por exemplo, o folguedo Lambe Sujo e Caboclinho, praticado pelos laranjeirenses, representa em sua individualidade, parte da cultura sergipana.

Essas práticas culturais nada mais são que expressões da vida coletiva, caracterizada pela espontaneidade, que declaram o modo de agir de um povo despreocupando com a retidão de instituições ou pensamentos individuais. A única preocupação é com a fidelidade à suas práticas folclóricas, seja com a indumentária ou com outros elementos de sua representação.

Entender o folclore da região é ter a possibilidade de compreender o povo através de suas práticas de lazer, suas manifestações lúdicas das mais diferentes naturezas, coreografias de danças e etc., práticas essas responsáveis pela preservação das criações populares que ultrapassam a dinâmica das transformações sociais ao perdurarem no tempo e espaço.

Especialmente no nordeste do Brasil é notória a diversidade cultural, o que não é surpresa, pois é uma região considerada origem da civilização brasileira. A cultura popular nasce como refugio de um povo que muitas vezes foi obrigado a mascarar suas vontades e crenças em prol de ideologias impostas por senhores nobres. Uma forma de demonstrar os verdadeiros valores do povo através de símbolos e personagens e o mais importante, não contrariar a ordem vigente.

“O Nordeste é uma espécie, conservada, do *Medieval Times*, que reproduz, em maior ou menor intensidade, situações e conflitos tragados pelo tempo, e invividos pela gente nordestina. Cenário de lutas de *Cristãos e Mouros*, o Nordeste conserva da emblemática todos os simbolismos das cores – o azul, a cor do céu e do ar do partido cristão, que sugere a calma, a doçura, a contemplação, a tristeza a as diversas modalidades desses estados e de suas derivações e o encarnado, ou vermelho, que é a cor do fogo e do sangue, ambos referindo-se a um arquétipo comum: a combustão (a união do carbono com o oxigênio do ar, que por sua vez sugere a excitação, a força e o poder, a atividade, o ardor e a alegria que encerra”. (Barreto, 1994)

Em Sergipe o trato sobre folclore é algo trabalhado por alguns estudiosos que ao desenvolverem suas pesquisas contribuíram em larga escala para a pesquisa folclórica do Estado. Nomes como Aglaé Fontes de Alencar, Beatriz Góis Dantas, Núbia Marques, Terezinha Oliva, Jackson da Silva Lima dentre outros, com suas produções, tornaram-se referenciais da pesquisa folclórica em Sergipe.

Ao longo dos anos várias figuras foram se destacando através da realização dos Encontros, essas pessoas estiveram diretamente ligadas a grupos folclóricos e adquiriram uma importância simbólica no contexto cultural dos grupos. São os chamados mestres populares, pessoas que possuem um conhecimento sobre determinado grupo folclórico e atua como dirigente de máxima autoridade dentro dele.



FOTO 01 - Dona Lalinha – Por muitos anos, Mestre Popular do Reisado de Laranjeiras. (Fotografia pertencente ao acervo fotográfico do Arquivo Público do Estado de Sergipe). FO-0837.



Foto 02 - Reverencial de Grupos Folclóricos (Fotografia pertencente ao acervo fotográfico do Arquivo Público do Estado de Sergipe). FO-0841.

No tocante às manifestações folclóricas regionais estiveram presentes no I Encontro as Taieiras, São Gonçalo e Cacumbi (Laranjeiras), a Chegança e Zabumba (Lagarto), São Gonçalo (Pinhão), Guerreiro, Candomblé (Aracaju), Chegança (Itabaiana), Guerreiro e Samba de coco (Nossa Senhora do Socorro), Guerreiro (Riachuelo), Cacumbi e Maracatu (Japarutuba), Reisado (Siriri) e Batalhão e Samba de Roda (Carmópolis), todas cidades do estado de Sergipe. Laranjeiras foi palco para abrigar a heterogeneidade das diferentes práticas culturais e espaço reservado para a valorização e preservação da cultura popular do Estado.

Em 1987, ano em que as fotografias fontes deste trabalho são datadas, exibiu nos panfletos e alguns jornais o tema “Danças e Folguedos”, foi o XII Encontro Cultural de Laranjeiras. Sob comando da estudiosa em cultura popular Cascia Frade, no simpósio de debates, várias questões relacionadas à autenticidade de grupos folclóricos foram debatidas. A discussão girou em torno da possibilidade da prática cultural de alguns folguedos por grupos não autênticos, ou seja, os chamados Para-Folclóricos.

Os Para-Folcloristas são geralmente jovens estudantes que realizam apresentações em alusão aos grupos autênticos e a principal finalidade dessa prática é a divulgação dos folguedos folclóricos. Porém essas representações somente são benéficas quando possuem finalidade educativa e para apresentações fora da época de costume, sem por motivo algum serem confundidos com os grupos genuinamente autênticos.

Sobre a cidade histórica de Laranjeiras e as fotografias do Encontro Cultural

Laranjeiras, situada a aproximadamente 23 km da capital Aracaju, é uma cidade que ostenta, em seus prédios antigos e ruas com ladeiras, a arquitetura colonial que dá a essa cidade a posição de uma das mais antigas do país. As terras que correspondem a Laranjeiras foi passagem de portugueses,

holandeses, índios e negros, seja em batalhas ou por avanços comerciais propiciados pela instalação do porto no Rio Cotinguiba na região.

No contexto histórico da região produtora de açúcar, a concentração de mão de obra negra e escrava, para muitos pesquisadores, pode ser considerada ao observar a diversidade de manifestações artísticas na cidade de Laranjeiras. Essa constatação se deve ao fato de escravos negros trazidos de diversas regiões da África terem desenvolvido sua cultura aqui no Brasil de forma que não contrariasse a ordem vigente. Assim nascia uma brincadeira envolvida muitas vezes com aspectos religiosos desses povos, uma forma bem ‘primitiva’ de folclore.

“(…) O ciclo da cana de açúcar fez com que a cidade abrigasse uma expressiva população negra e escrava, de modo que no final do século XIX, se localizava o maior percentual de africanos existentes na Província de Sergipe. (DANTAS, 2009).

Atualmente, a cidade de Laranjeiras ainda possui um número expressivo de população negra. Muitos estudiosos atribuem a essa população o mérito da diversidade cultural da cidade histórica. O mais importante é que o Encontro Cultural teve berço em uma cidade merecidamente admirável, seja por sua história de lutas, seja pelo desenvolvimento cultural vultoso ali residente.

Sabendo que a identidade de um povo está diretamente ligada ao impacto que o tempo e o espaço promovem sobre ela e que essas variáveis atuam como coordenadas dos sistemas de representação, entende-se que o Encontro Cultural de Laranjeiras em todo seu curso combinou essas variáveis de forma que não comprometessem a ordem de seus acontecimentos, tornando-se um evento de bases sólidas em prol da preservação folclórica, importante para o Estado de Sergipe e para o país.

As fotografias fontes deste trabalho, datadas de 1987, produzidas pela fotógrafa Edinah Mary Lima de Oliveira¹, porém vinculadas à Secretaria Estadual de Cultura, faz parte do acervo de fotografias do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Essas fotos pertenciam, segundo os funcionários mais antigos do APES, à antiga Secretaria de Estado da Educação e Cultura, contudo quando essa Instituição foi desmembrada, parte da documentação arquivada ali foi destinada ao APES.

As fotos contam parte do que aconteceu naquele ano, entre as ruas estreitas e a beleza colonial da cidade de Laranjeiras. As imagens, sem dúvidas, são provas incontestáveis da dimensão cultural presente no evento. As pessoas que daqueles momentos foram protagonistas e depois do evento tornaram-se anônimas, com o registro fotográfico ficaram perpetuadas através do tempo e representam uma coletividade, representam a cultura, representam o folclore.

Os pesquisadores, acostumados a pesquisar grupos com fronteiras definidas, tiveram que ampliar seus temas, pois a sociedade e seu dinamismo fez aparecer novos atores, novas vozes que por muito tempo foram silenciadas e colocadas à margem. As pessoas que fizeram e fazem do Encontro Cultural de Laranjeiras só aparecem como figurantes, quando na verdade deveriam ser postas como protagonistas.

Por trás da dinâmica do evento existe um cenário desconhecido, em que as pessoas trabalham durante anos de suas vidas em prol do que acreditam ser os seus costumes, daqueles significados que somente podem ser descritos se observados de perto. Sim, as fotos são importantes fontes de conhecimento acerca de qualquer evento, porém devemos ter cuidado com suas amarras metodológicas e entender que a elucidação dos fatos não pode ser fielmente descrita baseando-se apenas nas imagens (Simson, 2005). A etnografia, a tradição oral e a pesquisa bibliográfica são importantes no trato com imagens.

Atualmente, muitos pesquisadores possuem uma base etnográfica muito marcante e seus trabalhos se voltam para grupos que vivem na margem dos contextos sócio-culturais. Muitos desses

¹ Todas as fotos estão carimbadas no verso com o nome da fotógrafa e seu número de registro.

trabalhos inevitavelmente se inspiram em Gilberto Velho que se voltou à reflexões sobre camadas médias como mediadoras entre grupos (Velho, 2001).

Nas mãos de pesquisadores cautelosos, que sabem fazer uso do tema, a etnografia de diferentes grupos populares pode ser um exercício bastante válido (Clifford, 1998) e as imagens podem fornecer múltiplos caminhos para a pesquisa (Sontag, 2004). Assim, ao examinar uma foto o pesquisador deve ter em mente que esta é fruto de um “processo de construção da representação” (Kossoy, 1989, apud Samain, 2005, p. 41).²

Segundo Collier (1973), os etnógrafos acolheram a fotografia como uma representação da cultura, porém não descartaram a hipótese de a mesma ser fruto da intencionalidade visual daquele que fotografa. Ainda segundo Collier (1973, p.20), “Os fotógrafo são figuras que se destacam em público e o uso da diplomacia e tato é de grande importância para levar adiante um estudo de comunidade”.

Assim, pesquisadores ao utilizarem-se da imagem em seu fazer antropológico, sobretudo nas pesquisas de campo, devem ter o cuidado de não se limitarem ao conteúdo fotográfico, pois este não oferece as variáveis necessárias à pesquisa. Sendo assim, o pesquisador de campo precisa, antes de tudo, sensibilidade de atingir os elementos intangíveis da imagem.

A intenção de trabalhar fotografia com etnografia é confrontar as possibilidades de cruzar o ato de fotografar diferentes grupos com múltiplas possibilidades de interpretá-los, através da observação, de modo que essa observação promova o diálogo entre as partes. Dessa forma, os anônimos presentes nas fotografias, sobretudo os que são temas deste trabalho, terão a possibilidade de, a partir do seu ponto de vista, enxergar sua posição e importância dentro do contexto social do qual são frutos. A etnografia permite que o pesquisador entenda como o pesquisado se vê dentro de sua cultura.

Segundo Clifford (2011), a cultura moderna vista como polissêmica, ou seja, com vários sentidos, dá margem para uma etnografia como representação polifônica, ou seja, aquela em que se desenvolve através das várias vozes. Ainda segundo Clifford, a etnografia pode ser pensada como um recurso literário de descrição que requer do pesquisador boa dosagem de imaginação e bom senso interpretativo na tentativa de traduzir não a realidade, mas as evidências da experiência.

Importante salientar que esse trabalho não foi fruto de uma pesquisa etnográfica, apenas faz-se a afirmação (baseada numa pesquisa bibliográfica de vários autores) que o uso de imagens na pesquisa de campo pode trazer a tona um leque de possibilidades investigativas no fazer antropológico ou sociológico.

Conclusão

As fotografias, enquanto lócus para uma pesquisa acadêmica, perpassam elementos tradicionais e modernos para elucidar acontecimentos esquecidos e momentos esquecidos na memória, seja ela coletiva ou individual. Ela viabiliza ao trabalho do pesquisador não somente como forma de ilustração, mas principalmente como viés de cunho sociocultural e recurso passível de várias interpretações possíveis. As pesquisas que se debruçam sobre fotografias podem constituir uma forma eficiente nos estudos das mais diferentes relações sociais, permitindo, principalmente, um valioso instrumento de devolução dos resultados de pesquisas às comunidades estudadas.

² Síntese de conferência realizada pelo autor no Museu nacional de Belas Artes de Buenos Aires, em março de 1996, e posteriormente publicada em *Fotomundo*, Buenos Aires, nº 342, out. 196.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mario de. Danças Dramáticas do Brasil. V 1-3, 2. ed. Organização de Oneyda Alvarega. Belo Horizonte: Itatiaia. 1982 (1959).
- BARTHES, Roland. A câmara clara: notas sobre fotografia. Trad. De Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BLOCH, Marc. Introdução a História. Lisboa, 2 ed. Publicação Europa-América, 1974, p 55.
- BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema.(artigo)
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARVALHO, Neto, Paulo de. Folclore Sergipano. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe. 1994.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 5. ed. Revista e aumentada. São Paulo: Melhoramentos. 1979 (1954).
- CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 17-62.
- COLLIER, John. Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa; tradução de Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.
- COULOMB, Clarisse; CARDIOU, François; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa; tradução de Giselle Unti. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- DANTAS, Beatriz Góis. 1974. A Taieira de Sergipe: Pesquisa Exaustiva Sobre uma Dança Tradicional do Nordeste. Petrópolis: Vozes. 1972.
- DURKHHEIM, Emile. Introdução ao Pensamento Sociológico. 18 ed. São Paulo – Centauro – 2005
- _____. As Regras do método sociológico. São Paulo. Ed. Nacional, 1975.
- EDWARDS, E. (Ed.). Anthropology and Photography 1860-1920. New Haven: Yale University Press, 1992.
- FREUD, Gisèle. La fotografia como documento social. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, T (Orgs). A Invenção das tradições. Paz e Terra, 2002.
 KOSSOY, Boris. Origens e expansão da fotografia o Brasil – século XIX. Rio de Janeiro: FUNART, 1980.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família: Leitura da fotografia histórica. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

NASCIMENTO, Bráulio. Os Encontros Culturais de Laranjeiras. In: Encontro Cultural de Laranjeiras. 20 Anos. Aracaju: Governo de Sergipe, s/d. pp. 11-20.

PINSY, Carla Bassanezi. (Organizadora). Fontes Históricas. 2ª Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010. Pag 123

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs). O Historiador e suas fontes. – São Paulo: Contexto, 2009.

BATISTA, Dimas. In: PROENÇA, Manuel Cavalcanti. Ritmo a poesia (org). Rio de Janeiro. Simões, 1955, p 90 e 91.

RIBEIRO, J. S. Antropologia Visual: Da Minúcia do Olhar ao Olhar Distanciado. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

RIBEIRO, José. Brasil no Folclore. Rio de Janeiro: Aurora. 1970

ROCHA, José Maria Tenório. In: Os Encontros Culturais de Laranjeiras. In: Encontro Cultural de Laranjeiras. 20 Anos. Aracaju: Governo de Sergipe, s/d. pp. 227-235

SAMAIN, Etienne (org.). O fotográfico. São Paulo: Editora Hucitec / Editora Senac São Paulo, 2005, p. 41.

VELHO, Gilberto e Karina Kuschnir (orgs.). Mediação, cultura e política. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

FONTES

Acervo fotográfico do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES)³

Dona Lalinha (FO-0837)

Reverencial de grupos folclóricos (FO-0841)

³ O presente acervo ainda não foi devidamente catalogado. As fotos encontram-se numeradas conforme registro acima. Tal catalogação foi realizada por bolsistas, através do Projeto de Iniciação Científica intitulado “A Escola vai ao APES”, sob a coordenação do Prof. Dr.Fábio Maza (DHI-UFS).